



Cadernos IHU Idéias

**Mudança de Significado da
Tatuagem Contemporânea**

Débora Krischke Leitão

ano 2 - nº 16 - 2004 - 1679-0316

 UNISINOS

INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS

Reitor

Aloysio Bohnen, SJ

Vice-reitor

Marcelo Fernandes de Aquino, SJ

Instituto Humanitas Unisinos

Coordenador

Inácio Neutzling, SJ

Cadernos IHU Idéias

Ano 2 – Nº 16 – 2004

ISSN 1679-0316

Editor

Inácio Neutzling, SJ

Conselho editorial

Dárnis Corbellini

Laurício Neumann

Rosa Maria Serra Bavaresco

Vera Regina Schmitz

Responsável técnica

Rosa Maria Serra Bavaresco

Editoração eletrônica

Rafael Tarcísio Forneck

Revisão – Língua Portuguesa

Mardilê Friedrich Fabre

Revisão digital

Rejane Machado da Silva de Bastos

Impressão

Impressos Portão

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Instituto Humanitas Unisinos

Av. Unisinos, 950, 93022-000 São Leopoldo RS Brasil

Tel.: 51.5908223 – Fax: 51.5908467

humanitas@poa.unisinos.br

www.ihu.unisinos.br

MUDANÇAS DE SIGNIFICADO DA TATUAGEM CONTEMPORÂNEA

Débora Krischke Leitão¹

Trago uma reflexão sobre a tatuagem contemporânea e a mudança de significados que teria sofrido nas últimas décadas. Tal reflexão se baseia em pesquisa antropológica feita com tatuados e tatuadas nos anos de 2000, 2001 e 2002, em Porto Alegre.

Início situando a pesquisa no quadro mais amplo dos estudos antropológicos sobre a corporalidade e as técnicas do corpo. A seguir, contextualizo-a, para, então, discutir as razões que permitem a mudança de significados da tatuagem na atualidade.

Antropologia e marca (social) no corpo

As técnicas corporais têm sido tema caro à Antropologia desde os seus primórdios, quando ainda era, por excelência, uma ciência que tinha como objeto de estudo as sociedades tradicionais. A noção de corpo vem sendo, dentro dessa tradição, apreendida como fenômeno não apenas natural, mas histórico e social.

Diversos autores mostram que comportamentos naturalizados se encontram fundamentados em alicerces culturais, mais do que na esfera do biológico (Bastide, 1983 e Heertz, 1980) e que as diferenças encontradas de uma sociedade para outra na forma de usar o corpo reforçam seu fundamento cultural. As formas de caminhar, de nadar, de comer, de higiene, e, até mesmo, de parir devem ser compreendidas como parte de um *habitus* (Mauss, 1997a) que, de natureza social, configura os múltiplos elementos da arte de utilizar o corpo.

A cultura seria de importância fundamental na determinação de gestos e posturas corporais, estando estes vinculados a um aprendizado. Haveria assim, segundo Mauss, uma série de “atitudes e técnicas corporais” próprias a cada sociedade, transmitidas através da eficácia da tradição. Uma vez incorporadas,

1 Mestre e doutoranda em Antropologia Social no Programa de Pós-graduação de Antropologia Social (PPGAS) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

como costumes, se prenderiam tão fortemente ao homem que nem mais poderiam ser por ele percebidas.

Além das atitudes corporais apreendidas, o aspecto externo do corpo do homem vai ser modificado de acordo com parâmetros culturalmente definidos. Lévi-Strauss (1997) nos diz, a respeito dos Caduveo, que, para ser homem, era preciso ser pintado. Uma vez decorado, vestido e pintado, o homem exibiria sua humanidade. Desde seu nascimento, teria impressos em seu corpo os caracteres da cultura (o *habitus* de que fala Mauss), através de comportamentos e sentimentos adequados e aceitos, de uma língua, de um jeito de vestir, entre tantas outras formas de tornar-se “humano”.

Pensar os adornos corporais em seu contexto social, procurando a lógica subjacente aos sistemas simbólicos, é o que Anthony Seeger (1980) propõe, buscando explicar a ornamentação de certas partes do corpo (orelhas e lábios) entre os Suyá por meio dos significados que têm os sentidos da fala e da audição (que, ao contrário da visão e do olfato, são faculdades de grande importância social) no grupo.

Pierre Clastres, analisando a tortura nas sociedades tribais, também pensa no corpo como superfície de escrita. Segundo ele, do rito de iniciação o que resta, com o tempo, é a marca, as cicatrizes e desenhos deixados na pele do iniciado. (Clastres, 1990). É o corpo o mediador do saber aprendido durante a iniciação. A lei escrita sobre o corpo do homem é a lei do grupo, e ser um homem marcado é, em grande medida, proclamar, da forma mais visível possível, seu pertencimento a ele.

Também hoje, e para o antropólogo que se dedica ao estudo das sociedades urbanas ocidentais, os usos culturais do corpo (sob forma de vestuário, técnicas de postura e modificações corporais, entre outros) são fontes significativas de reflexão a respeito dos universos simbólicos em que estão inseridos. Partindo desses pressupostos, proponho que a tatuagem contemporânea seja tomada como objeto de estudo da Antropologia.

O corpo construído, objeto da lei da sociedade e da cultura, pensado por Clastres é, entretanto, um corpo, em certa medida, diferenciado do corpo tatuado dos sujeitos ocidentais, contemporâneos e urbanos os quais procuramos aqui analisar. Ainda que a idéia de construção do corpo seja fundamental para se pensar as marcas corporais da sociedade contemporânea, há de se atentar para as diferenças entre a idéia do corpo “igual” da sociedade tribal (Clastres, 1990) e o corpo idealmente individualizado de nossa sociedade.

Faço referência ao corpo em nossa sociedade urbana ocidental contemporânea como “individualizado”, de acordo com a conotação dada ao termo por Dumont, quando o autor diz ser o “individualismo” a ideologia que predomina na sociedade ocidental moderna (1985, 1997). A noção e percepção de indivíduo

como algo sagrado, auto-suficiente e independente do grupo seria, assim, uma das características da modernidade ocidental.

O corpo individualizado nesse contexto seria, muitas vezes, percebido como superfície maleável, passível de modificação e transformação, de acordo com as vontades individuais (Le Breton, 1999). Em nossa sociedade, particularmente, essas modificações agiriam no sentido de uma escamoteação constante do corpo como organismo natural (Le Breton, 1997), velando e escondendo seus aspectos mais fisiológicos pela higiene pessoal, maquiagem ou outras tantas práticas. (Rivière, 1997).

Tal afirmação parece paradoxal frente à enorme gama de práticas cosméticas, biomédicas e estéticas às quais o corpo é constantemente submetido na sociedade contemporânea. Essas práticas, entretanto, que aparentemente colocam o corpo em lugar central da vida social, também estão, de alguma forma, indo ao encontro da ideologia de anulação do corpo como carne, trabalhando para moldá-lo e conformá-lo, possibilitando sua passagem para o âmbito da cultura.

Os cosméticos e tratamentos de beleza há muito contribuem para transformar o dado natural, corpo, tornando-o “mais conveniente”, socializado, agradável ao olhar, segundo critérios culturais particulares (Rivière, 1997), desde os remédios corretivos capazes de “curar a feiúra” do início do século XIX (ver Sant’anna, 1995 e Del Priore, 2000) aos tratamentos “naturais” que vendem a beleza de “ser você mesmo”.

Atualmente, a cirurgia plástica estética (ver Edmons, 2002 e Le Breton, 1999) e o *body building* (ver Malysse, 2002, Sabino, 2000 e Courtine, 1995) também aparecem como forma de adaptação do corpo às normas e padrões culturais.

Piercings (ver Rouers, 2001) e tatuagens (ver Maertens, 1978, Krischke Leitão, 2000 e Le Breton, 2002), que aqui interessam particularmente, inserem-se igualmente no *hall* das formas de modificação da aparência, marcando e expressando identidades/ papéis de gênero, classe, grupo etário, estilo de vida e grupo de pertencimento.

Tatuagens e tatuados

A pesquisa que dá fundamento a esse artigo foi realizada nos anos de 2001 e 2002, sendo constituída por entrevistas com mulheres tatuadas de camadas médias e altas da cidade de Porto Alegre. As idades dessas mulheres variavam de 20 a 35 anos, e também variadas eram suas profissões: médicas, estudantes, dentistas, advogadas, professoras universitárias, etc.

Também realizei entrevistas com dois *bookers*, agenciadores de modelos, de duas grandes agências internacionais de modelos. Meu objetivo era conhecer o posicionamento das agências com relação à contratação de modelos tatuadas

(quantas havia, que tipo de tatuagem tinham, que número de tatuagens, para que trabalhos eram chamadas, e de quais trabalhos eram descartadas).

Foi realizada outra pesquisa no ano de 2000, quando fiz observação sistemática por um ano e meio em um estúdio de tatuagem de Porto Alegre. Essa experiência aparece como complementar e comparativa, e, sem dúvidas, perpassa minhas reflexões sobre a tatuagem.

Meu objetivo aqui é discutir uma mudança que teria havido no uso da tatuagem (e por consequência em alguns de seus significados). Procuo entender a ampliação contemporânea do uso da marca a um público maior e mais diversificado.

A tatuagem contemporânea esteve, no Ocidente, historicamente vinculada à marginalidade econômica e social, nos corpos de marinheiros, prostitutas e criminosos. Ela aparece já nos relatos de médicos criminalistas do século XIX, como Lacassagne, Berrillon e Lombroso.

Uma transformação no público consumidor da tatuagem vai acontecer nas décadas de 50 e 60 do século XX, quando ela passa também a ser utilizada por gangues e como emblema de movimentos contraculturais, como o movimento *hippie* e mais tarde o movimento *punk*. Não está, então, mais necessariamente, vinculada à exclusão econômica, mas, sem dúvidas, mantém-se ligada a propostas políticas, éticas e estéticas contrárias à norma social, próximas ainda de um estilo de vida relacionado ao desvio.

Quando me refiro a uma mudança de significado da tatuagem contemporânea, estou falando da perda de alguns de seus sinais mais transgressivos e de sua incorporação às possibilidades estéticas socialmente aceitas.

As mulheres que entrevistei não faziam uso da tatuagem como emblema de desvio. A prática não era por elas procurada como possibilidade de transgressão a normas ou padrões estéticos. Em suas falas, ao contrário, tentavam desvincular suas tatuagens de qualquer representação sobre desvio.

É claro que essa suposta ressemantização da tatuagem não é um processo linear e simples, sendo permeada por tensões e contradições. Um exemplo disso é a forte marcação e separação que as entrevistadas faziam entre a imagem delas e de suas tatuagens e a de outras tatuagens e outros tatuados. O desvio era sempre percebido como existente, mas sempre entrava na categoria do “esse não é o meu caso”, sendo sempre localizado no “outro”.

Outra relativização que deve ser feita a respeito dessa incorporação da tatuagem ao universo do socialmente aceito é a que concerne aos **filtros** pelos quais ela passa. Há desenhos e lugares do corpo permitidos e proibidos. Esses filtros, que balizam sua incorporação aos padrões estéticos, revelam, nas cate-

gorias de permitido e proibido das entrevistadas, fortes representações de classe e de gênero.

Mesmo com alguns “poréns”, a tatuagem deixa de ser vivida como forma isolada de transgressão e torna-se prática mais visível e coletivamente aceita. A possibilidade dessa ressignificação e aceitação da marca e da imagem do tatuado se constrói, no grupo estudado, sobre três pilares: (1) o uso da marca se insere no universo feminino através dos cuidados com o corpo e das práticas embelezadoras; (2) vai ao encontro de princípios presentes no ideário contemporâneo que pregam valores, como autocontrole, auto-responsabilização, autodisciplina e autonomia sobre a anatomia – revelando o corpo como superfície maleável; (3) vai ao encontro da ideologia de valorização da pessoa singular, da subjetividade e das diferenças individuais.

Tatuagem e práticas de embelezamento

O uso da tatuagem surgia, na fala das entrevistadas, junto a um elenco de outras práticas embelezadoras (como cirurgias plásticas, implantes de próteses de silicone nos seios e lipoaspições) que, além de transformar o corpo nos moldes de um padrão estético socialmente esperado, tornavam esse corpo **visivelmente** objeto de preocupação e esforço pessoal.

Lisiane, entrevistada que é advogada, fala a respeito dessas intervenções:

Eu nunca fiz lipo, mas faria sem problemas. Todas as minhas amigas já fizeram ou vão fazer lipo. E silicone então... é só o que tu vê! Uma vez eu fiquei com um cara e ele me disse: “A primeira coisa que eu olho numa mulher é o peito, pra ver se tem silicone... porque eu não gosto de mulher artificial.” Mas essa não é a regra ultimamente. Agora todo mundo faz, e todos os homens adoram, e não acham artificial. A mulher gosta e faz questão de dizer: “Sou siliconada”, quer dizer, fez porque quis, mostra na cara que tem vontade de ficar mais bonita. Eu acho legal, não acho artificial.

O investimento na aparência pode ser percebido então não como forma de artificializar a beleza física, mas como um valor que deve ser exibido. Da mesma maneira, no discurso das entrevistadas, a tatuagem ocupa esse lugar de intervenção no corpo, pensada e planejada como forma de demonstrar cuidado consigo e com sua aparência.

Encarar a tatuagem como procedimento estético diz respeito não apenas ao ato de portar a marca, mas ao esforço de conservá-la bem apresentada. Por essa razão, ela é frequentemente encarada como fonte de cuidados. Muitas entrevistadas dizem usar protetores solares especiais e hidratantes para que suas tatuagens não percam a intensidade da cor. O “retoque”, procedimento através do qual a tatuagem é repigmentada, é

procurado ou planejado para o futuro, quando a tatuagem estiver “desbotada”.

Também existe uma ponderação a respeito do futuro envelhecimento do corpo, presente no processo de decisão do lugar do corpo que vai ser tatuado, evitando que o desenho futuramente fique, como diziam as mulheres entrevistadas, “murchinho”, “deformado” ou “enrugado”.

As decisões sobre a tatuagem e o uso de outras intervenções são sobretudo justificadas pelo desejo de “sentir-se bem consigo mesma” e “estar bem na sua pele”, remetendo à idéia do bem-estar próprio como um valor importante na contemporaneidade.

A tatuagem ainda aparece como instrumento de sedução. Ela é acionada pelas mulheres entrevistadas como um atrativo nos jogos de sedução com seus parceiros. É interessante o fato de que, no caso dessas mulheres (tatuadas e percebendo suas tatuagens como atrativas), seus maridos e namorados não têm eles próprios tatuagens. Ela aparece nas histórias sobre sedução com especial funcionalidade no “sair à noite”. As roupas a serem compradas e vestidas são, muitas vezes, pensadas seguindo o critério de deixar a tatuagem à mostra e, de forma mais eficaz, permitindo o jogo do “mostrar e esconder”. Seus usos, na sedução, tornam-se mais eficazes seguindo a lógica do “mostrar e esconder”, quando deixa de ser apenas mais um adorno comparável ao uso de determinado tipo de maquiagem ou bijuteria, e se reveste dos sentidos do mistério e do trunfo. Ela age como catalisador do desejo e, como no jogo de cartas, é percebida como a jogada certa, capaz de suscitar, no parceiro, a reação esperada.

Tatuagem e autonomia sobre a anatomia

A tatuagem, e o conjunto de práticas embelezadoras no qual se insere, é percebida como um exercício do controle individual sobre o corpo, tido como superfície remodelável de acordo com o pressuposto da liberdade de ação e determinação de cada um sobre si.

Eliana, uma dentista entrevistada, diz:

Acho que cada um faz o que gosta para si, e cada um tem liberdade pra escolher o que faz com seu corpo, seja o que for, tatuagem, piercing, plástica, o que for mesmo.

O bordão “o corpo é meu, e faço com ele o que eu quero”, que, por diversas vezes, ouvi dos freqüentadores do estúdio de tatuagem, era resposta recorrente a respeito das razões de suas tatuagens, legitimando também a prática de modificações corporais mais radicais, como o *branding*, a inserção de objetos sob a pele, as escarnificações e as suspensões.

A autonomia individual aparece com frequência associada à idéia de uma auto-responsabilização pessoal e financeira, que, de certa forma, autorizaria e legitimaria os usos do corpo de acordo com a vontade individual, como, por exemplo, na fala de duas entrevistadas:

Quando eu resolvi fazer, só fiz porque eu paguei com o meu dinheiro. Eu pensei bem tudo isso. Tinha que me responsabilizar totalmente pelo meu ato. Eu tinha 25 anos, quando fiz a primeira. Não tem que pedir mais explicação (Lisiane, advogada).

Quando eu fiz não tinha que convencer ninguém. Fui eu que paguei, eu já morava sozinha, pagava meu apartamento, minha comida, minha vida. Pra uma pessoa que vive por conta própria, não tem que dar satisfações sobre o que vai fazer, ainda mais de uma coisa que diz respeito só ao seu corpo. Então não dei muita satisfação. (Gabriela, professora universitária).

Convém ressaltar que, embora os parâmetros ou os moldes a partir dos quais os corpos dos sujeitos são modificados (por meio de cirurgias, ou mesmo da tatuagem), são socialmente estabelecidos, eles são constantemente referidos e reafirmados como individuais, respondendo aos desejos e anseios de cada um. Fernanda, médica pediatra, fala dessa questão:

Fiz tatuagem porque acho que é bonito no corpo, porque gosto em mim, assim como preciso ter os seios do jeito que eu quero, ter as pernas do jeito que eu quero, enfim, ter o meu corpo do jeito que eu quero.

Com esse exemplo, sublinho a ênfase que é dada aos desejos, aos “quereres” individuais, que nos remetem à idéia da valorização do eu e da subjetividade.

Tatuagem e valorização da singularidade e subjetividade

A tatuagem era referida pelas mulheres entrevistadas como sendo expressão de uma individualidade e subjetividade, e como sendo capaz de marcar, no mundo de fora, aos olhos dos outros, uma diferenciação interna dos sujeitos. Ela funcionaria como promessa de representar as singularidades e particularidades individuais, estampadas à flor da pele.

A marca é percebida como sendo capaz de individualizar, nas palavras das entrevistadas, “me torna única”, “me destaca”, “é só minha”. Idéias que remetem à noção de um corpo que precisa ser constantemente personalizado para não passar despercebido, para existir aos olhos dos outros, respondendo a um verdadeiro repúdio a uma possível uniformidade entre os sujeitos.

Em grande medida, o simples fato de ostentar a marca já traria a satisfação desse desejo: a marca “personaliza” o corpo.

Mais além, é preciso também personalizar a marca, quando da escolha dos desenhos impressos na pele. A tatuagem surge como representação externa do “eu”. A subjetividade e interioridade do sujeito deve ser expressada pelo desenho na pele, ou ao menos, deve haver um mínimo de sintonia entre essas duas dimensões.

Aos desenhos bordados na pele são atribuídas características próprias à personalidade individual. O corpo fisiológico e biológico deve ser moldado e adornado de acordo com essa personalidade, e está subordinado a uma vontade (racional e emocional) do indivíduo. Essa subordinação só é possível, entretanto, se as noções de corpo e de mente (ou espírito, alma, razão, psique) foram tomadas como entidades separadas.

Ao que parece, a percepção de separação entre duas dimensões, herdeira do pensamento cartesiano, ainda se faz presente no ideário contemporâneo. A oposição entre o físico (exterior e material) e o espiritual (interior e imaterial) norteia muitas das reflexões das mulheres entrevistadas a respeito de suas tatuagens.

Fernanda, que é médica pediatra, diz:

Eu gosto de mostrar [a tatuagem] porque é um jeito de te conhecerem, porque revela pros outros um pouco do que tu pensa, de quem tu é, do teu mundo de dentro.

Falando das razões dos dragões tatuados em seu corpo, Luisa, outra entrevistada, revela a necessidade de tornar exterior algumas características suas que tomava como interiores e que de outra forma dizia não manifestar:

Ele [dragão] traz força, uma força que eu tinha, mas não conseguia por pra fora... meu signo é dragão [no horóscopo chinês] dragão eu já era.

É interessante pensar a respeito da superfície usada no processo, a pele, espécie de intermediário, limite simbólico ou, nesse caso, fronteira simbólica (porque permite trânsitos e deslocamentos) entre dois mundos: o externo e o interno.

A necessidade de uma profunda identificação pessoal com o desenho tatuado também aparece na fala de Antônio, um rapaz que freqüentava o estúdio de tatuagem onde realizei observação:

Claro que tem gente que se arrepende de se riscar [tatuarse]... mas tem que fazer algo que tenha muito a ver contigo... muito a tua cara... que seja tu! Aí não se arrepende. Eu sei que tu muda, mas se tiver a ver com coisas tuas que não mudam, melhor.

Essa identificação entre “interior” e “exterior” na tatuagem parece essencial para assegurar o não-arrependimento futuro. Diversas entrevistadas falam de arrependimento, e da impossibi-

lidade de arrepende-se dada a incorporação da marca ao seu corpo, seu modo de vida, sua personalidade.

Nesse sentido, posso, mais uma vez, referir-me à pele como fronteira metafórica entre a individualidade dos sujeitos e o mundo. Os deslocamentos através dela operados dão-se aqui em duas direções. É através dela que algo visto como interior é “posto pra fora”, nas palavras de Luísa, mas esse não é o único movimento.

Pela superfície da pele, também a marca da tatuagem, e todos os sentidos individuais e coletivos que carrega consigo, é incorporada. A marca incorporada, “que já faz parte do corpo”, aparece nas palavras da entrevistada Gabriela como um “sinal de nascença escolhido”:

Pra mim é parte do meu corpo, como se fosse um sinal. Esses dias eu conheci uma menina que tinha uma mancha enorme assim no rosto, vermelha, e ela tem o olho rasgado, meio indígena. Achei lindo. Ela tem uma tatuagem natural. Uma marca de nascença assim, que é dela. Eu acho que tem coisas que são parte de ti. Sabe, aquilo é parte dela. O meu não é de nascença, só isso. Eu escolhi, é um sinal de nascença escolhido que me dei de presente.

Algumas considerações

Essas três balizas que sugiro aqui serem fundamentais para uma ressignificação contemporânea da tatuagem estão, obviamente, muito próximas e relacionadas entre si, por serem parte de um mesmo sistema de idéias. A valorização da subjetividade individual, percebida como interior, está profundamente ligada à noção de uma separação e oposição entre corpo e mente/alma/psique, e é certamente indispensável para se pensar na possibilidade de autonomia e ação do indivíduo sobre seu corpo.

A oposição e a separação entre as dimensões espiritual e corporal certamente envolvem certo grau de hierarquia. O espiritual é freqüentemente privilegiado na relação. A própria idéia de “essência do eu”, e das “coisas tuas que não mudam”, referidas por algumas entrevistadas, invocam diferentes importâncias e temporalidades específicas para as duas dimensões.

Essa essência ou personalidade individual remeteria à permanência. A vivência corporal, por outro lado, pode ser percebida como mais efêmera, sujeita à mudança e à transformação (ao envelhecimento e à morte, em última instância). A tatuagem seria vista, portanto, como a possibilidade de imprimir certa permanência no efêmero. Ela funciona, nas palavras da entrevistada Bia, estudante, como um marcador estético contrário à efemeridade das coisas do mundo:

Tudo é passageiro hoje, né... uma tatuagem não. Vai contra isso porque é definitiva, fica pra sempre.

A tatuagem, como marca duradoura, sinal não descartável, poderia imprimir na pele algo do qual não se pode despojar. O corpo, efêmero e aparentemente menos importante do que a dimensão subjetiva, parece ser, entretanto, reencantado pela tatuagem. Na mesma direção, enquanto os discursos sobre a prática evocam a histórica separação ocidental entre corpo e mente, também parecem reivindicar com urgência que, de alguma forma, essas duas “entidades” ou “dimensões” sejam interconectadas. Há a idéia da separação, mas o desejo expresso pelo uso da marca, da complementaridade e unicidade.

Referências bibliográficas

ABRAMO, Helena Wendel. *Cenas Juvenis: punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo: Scritta, 1994.

BASTIDE, Roger. Técnicas de Repouso e de Relaxamento (um estudo transcultural). In: QUEIROZ, M.I (org). *Roger Bastide*. São Paulo: Ática, 1983.

BAUDRILLARD, Jean. *La société de consommation*. Paris: Éditions Denoël, 1996.

BOREL, France. *Le vêtement incarné*. Mesnil-sur-l'Éstrée: Éditions Calmann-Lévy. 1992.

CAMPHAUSEN, Rufus C. *La tribù del tatuaggio*. Milão: Lyra Libri, 1999.

CARUCHET, William. *Le tatouage ou le corps sans honte*. Paris: Éditions Séguier, 1995.

CHIPPAUX, Claude. Des mutilations, déformations, tatouages rituels, et intentionnels chez l'homme. In: *Histoire des Moeurs*. Paris: La Pleiade, 1990.

CLASTRES, Pierre. Da Tortura nas Sociedades Primitivas. In: *A sociedade contra o Estado*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

CONGRÈS INTERNATIONAL D'ANTHROPOLOGIE CRIMINELLE. *Compte-rendu des travaux de la quatrième session*. Genebra, 1897.

CORRÊA, Ivone Maria Xavier de Amorim. *A Rosa Tatuada: Um estudo antropológico sobre a linguagem dos corpos de meninas-mulheres que vivem nas ruas*. Dissertação de Mestrado, Belém: UPFA, 1988.

COURTINE, Jean-Jacques. Os Stakhanovistas do narcisismo: body building e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo. In: SANT'ANNA, Denise. *Políticas do Corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

DEL PRIORE, Mary. *Corpo a corpo com a mulher: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil*. São Paulo: Editora Senac, 2000.

DEMELLO, Margo. *Bodies of inscription: a cultural history of the modern tattoo community*. Duke University Press, 2000.

DUMONT, Louis. *Homo Hierarchicus*. São Paulo: Edusp. 1997

_____. *O Individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

- DUTRA, José Luiz. Onde você comprou essa roupa tem para homem?: A construção de masculinidades nos mercados alternativos de moda. In: GOLDENBERG, Mirian (org). *Nu&Vestido*. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- EDMONDS, Alexander. No universo da beleza: notas de campo sobre cirurgia plástica no Rio de Janeiro. In: GOLDENBERG, Mirian (org). *Nu&Vestido*. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- FORBIS, Melissa *This is my body: gender, tattooing and resistance in the United States*. Dissertação de Mestrado, Temple University, 1994.
- GOLDENBERG, Mirian (org). *Os novos desejos*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- GOLDENBERG, Mirian; RAMOS, Marcelo Silva. A civilização das formas: o corpo como valor. In: Goldenberg, Mirian. *Nu&Vestido*. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- HEERTZ, Robert. A preeminência da mão direita. In: *Religião de Sociedade*, n.6, 1980.
- JEUDY, Henri-Pierre. *O corpo como objeto de arte*. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.
- KRAKOW, Any. *The total tattoo book*. Nova Iorque: Time Warner, 1994.
- KRISCHKE LEITÃO, Débora. A Flor da Pele: um estudo antropológico sobre a prática da tatuagem em grupos urbanos. Porto Alegre: UFRGS, 2000. (Trabalho de conclusão do curso de Ciências Sociais), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2000.
- _____. *Ergue, prende, realça!:* uma reflexão antropológica sobre anúncios publicitários de lingerie feminina. XXIII Reunião Brasileira de Antropologia. Gramado, 2002.
- _____. *O Corpo Ilustrado:* um estudo antropológico sobre usos e significados da tatuagem contemporânea. Porto Alegre: UFRGS, 2003a. (Dissertação Mestrado em Antropologia Social), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003a.
- _____. Transgressão e domesticação: a tatuagem contemporânea como ritualização das aparências. In: *Cadernos do CEOM*. Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina, UNOCHAPECÓ, mar.2003b.
- _____. *Sempre tem uma que combina com você:* publicidade, consumo e (re) produção serial da diferença. VIII ABANNE, São Luís, 2003c.
- LE BRETON, David. *L'Adieu au corps*. Paris: Éditions Métailié, 1999.
- _____. L'Identité à Fleur de Peau. In: *Liberation*, 20 mar. de 2000a.
- _____. *Passions du risque*. Paris: Métailié, 2000b.
- _____. *Anthropologie du corps et modernité* Paris: PUF, 1998
- _____. *Signes d'identité*. Paris: Éditions Métailié, 2002.
- _____. *Usages culturels du corps*. Paris: L'Harmattan, 1997.
- LE BLOND, Albert ; LUCAS, Arthur. *Du tatouage chez les prostitués*. Paris: Société d'Éditions Scientifiques, 1899.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes Tropiques* Paris: Pocket. 1997
- LIPOVETSKY, Gilles. *O império do efêmero*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- LOMBROSO, Cesare. *L'homme criminel, criminel-né, fou moral, épileptique:* étude anthropologique et médico-légale. Paris : F. Alcan, 1887
- _____. *L'anthropologie criminelle et ses récents progrès*. Paris : Bibliothèque Nationale, 1977.

- MAERTENS, Jean-Thierry. *Le dessein sur la peau*. Paris: Aubier Montagne, 1978.
- MALYSSE, Stéphane. Em busca dos (H)alteres-ego: olhares franceses nos bastidores da corpolatria carioca. In: GOLDENBERG, Mirian (org). *Nu&Vestido*. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- MARQUES, Toni. *O Brasil tatuado e outros mundos*. Riode Janeiro: Rocco, 1997
- MAUSS, Marcel. Les techniques du corps. In: _____. *Sociologie et Anthropologie*. Paris: PUF, 1997
- _____. Une catégorie de l' esprit humain: la notion de personne celle de "moi". In: _____. *Sociologie et Anthropologie*. Paris: PUF, 1997
- MENDES DA SILVA, Maria Albuquerque. As tatuagens e a criminalidade feminina. In: *Cadernos de Campo*. Ano I, n. I. FFLCH- USP. 1991.
- MENDES DE ALMEIDA, Maria Isabel. Tatuagem e subjetividade: reflexões em torno do imaginário da epiderme. *Revista Interseções*, Rio de Janeiro, 2001, p. 91-109. jan.-jun. 2001.
- MIFFLIN, Margot. *Bodies of subversion: a secret history of women and tattoo*. Nova Iorque: Juno Books, 1997
- PEDROSO, Helenrose da Silva; SOUZA, Heder Augusto de. Absurdo da realidade: o movimento punk., *Cadernos IFICH-UNICAMP*, 1983.
- PUELLES, Vicente Muñoz. *Los Tatuajes*. Valencia: Editorial La Mascara. 1998.
- RIVIÈRE, Claude. *Os ritos profanos*. Petrópolis: Vozes. 1997.
- ROUERS, Bruno. Piercing et autres modifications corporelles en occident: de la revendication du rituel à l'interprétation par le rite. *Organdi Quarterly*, n.2, fev. 2001.
- RUBIN, Arnold (org). *Marks of Civilization*. Los Angeles: Museum of Cultural History, University of California, 1988.
- SABINO, César. Musculação: expansão e manutenção da masculinidade. In: GOLDENBERG, Mirian (org). *Os novos desejos*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- SANT'ANNA, Denise. Cuidados de si e embelezamento feminino: fragmentos para uma história do corpo no Brasil. In: _____. *Políticas do Corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.
- SANTOS, Jocélio Teles dos. Incorríveis, afeminados, desenfreiados: Indumentária e Travestismo na Bahia do século XIX. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v.40, n. 2, 1997.
- SEEGER, Antony. O Significado dos Ornamentos Corporais. In: *Os Índios e Nós – Estudos sobre Sociedades Tribais Brasileiras*. Rio de Janeiro: Campus, 1980.
- SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otavio (org). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.
- SIMMEL, Georg. *A Filosofia do Amor*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- STEWART, Samuel M. *Bad boys and tough tattoos*. Nova Iorque: Harrington Park Press, 1990.
- VALE, V; JUNO, Andréa. *Modern Primitives: an investigation of contemporary adornment & ritual*. San Francisco: V/Search, 1989.

DEBATE APÓS IHU IDÉIAS DO DIA
04 DE MARÇO DE 2004

Prof.^a Dr.^a Jacqueline de Oliveira Silva (PPGCSA) – *Em primeiro lugar, parabéns pelo trabalho. É bastante interessante. Coisas que, em geral, se tem um certo “preconceito” em investigar e de que você faz uma abordagem tão bela como foi apresentada aqui. Eu queria levantar algumas questões a respeito do seu processo de investigação e, de certa forma, da tese que você levanta em relação à autonomia sobre a anatomia. Eu vou tentar ser breve. São muito mais idéias, reflexões do que qualquer outra coisa. A questão primeira é sobre os dados, o processo investigativo: que relação existe no fato de as tatuagens que as mulheres utilizam serem pequenas, e também no fato de já haver hoje uma transitoriedade da tatuagem definitiva. Essa questão tem uma ligação com o seu quadro de referência, parece, e autores que já trabalharam com isso, como Bauman, Beck e outros tantos, notaram que havia uma característica de transitoriedade, flexibilidade e individuação narcísica na sociedade contemporânea. Veja, quando você apresenta a história da tatuagem, você passa por um momento em que ela é under ground, um outro momento em que ela é quase uma resistência cultural, até um atual em que ela é narcísica, de certa maneira, em se tratando, ao menos, das mulheres, porque me parece que, em relação aos homens, e também em parte das mulheres, essas que você apresenta aí, a tatuagem permanece sendo um marco, uma marca física de vinculação identitária, principalmente quando a pessoa é toda tatuada. Quem abrir um catálogo de tatuagem vai ver que, inclusive, há páginas com conjunto de símbolos já definidos, conforme essas tais identidades: as serpentes estão junto com os dragões, as flores estão junto com as borboletinhas, os golfinhos são todos do mesmo tamanho e assim sucessivamente. Então me parece que, nessa história sociocultural da tatuagem, há algo que é absolutamente distinto de períodos anteriores e que concorre para a tatuagem identitária, ritualística: é essa possibilidade de transitoriedade da tatuagem, tanto aquela que é definitiva, principalmente no caso das tatuagens pequenas, que hoje você tira com três sessões de laser. Nas mulheres, se você investiga, não é à toa que, em geral, as tatuagens são na parte interna da coxa, no tornozelo, são semi-escondidas, o que também permite serem retiradas. Isso não vale para o punk do Bom Fim. Por outro lado, você tem uma indústria toda se formando para o uso da tatuagem transitó-*

ria, que vai da tatuagem que vem no picolé da Kibon, em todas as campanhas de verão nos últimos cinco anos, principalmente, que as crianças utilizam, até as tatuagens de hena que a gente encontra em qualquer rua de Porto Alegre, em qualquer calçada de praia, permitindo que você possa mudar a sua “marquinha” a cada quinze dias, se eu não estou enganada, dependendo dos cremes que se usa no cabelo e na pele. Parece-me, e isso é algo para se discutir neste seu grupo de trabalho da ANPOCS, que há aí um traço de ruptura com a tradição do uso da tatuagem e que vai muito mais para uma reafirmação da autonomia do indivíduo na sociedade do que propriamente da autonomia sobre a anatomia e que vem quase como uma provocação para o futuro. Parece que é maior esta autonomia pautada, parece que está ligada, inclusive, a esta possibilidade do indivíduo à la carte.

Débora Leitão – Deixa, então, eu começar contando um pouco sobre estes dois grupos e sobre esta relação de transitoriedade permanente no grupo de freqüentadores que tu citaste, do *punk* do Bom Fim, que não pode rapidamente resolver a questão, tirando a tatuagem ou não, porque, enquanto pertencer a este grupo, a tatuagem reafirma esta identidade de grupo. Inclusive há um caso super-interessante: o do tatuador que vende a sua tatuagem, que vive disso, que ficou muito rico com isso. No estúdio que eu freqüentava, uma pessoa veio se informar sobre tatuagem e depois que indagou o preço, viu o desenho, perguntou: “E dá para tirar?” O cara enlouqueceu. Ele começou a gritar e disse: “Sai daqui. Eu não vou te tatuar, porque tu não mereces, tu fazes, porque é moda. Tu não mereces ter tatuagem, quem merece ter tatuagem vive para isso”. Então esta idéia de identitário e a outra que eles consideram ser “modismo”, é o supostamente transitório, mas, ao mesmo tempo, o que eu percebi é que este transitório é justificado por esta idéia que remete à subjetividade expressa no corpo transitório. Eu não sei, realmente, eu não posso comprovar até que ponto isso funciona ou não, mas há um discurso e um valor de que essa personalização funciona, sim. A autonomia do indivíduo na sociedade, eu não sei se eu entendi exatamente o que tu quiseste dizer, e a autonomia sobre a anatomia deste indivíduo *à la carte* é mais um valor do que uma realidade. É um valor de consumo, até porque esta ideologia e este valor pertencem a uma classe social específica, a um momento histórico específico, a um mundo bem limitado e restrito, e as tatuagens de hena e as tatuagens transitórias, também por este grupo de freqüentadores, eram consideradas uma forma de brincar de tatuagem. E isso é uma contradição que me interessa ainda explorar, agora eu estou pensando mais sobre isso, justamente nesta diferença que eles faziam entre mercado e arte. Então eles eram artistas da tatuagem, porque realmente levavam este estilo de vida a sério e os outros eram tatuadores

de mercado, mesmo que eles participassem desses dois mundos para sobreviverem. Então eles não faziam só tatuagem definitiva, faziam tatuagens de hena em vários lugares, para poderem sobreviver. Eu lembro que eles passaram uma noite tatuando no Dado Bier. Não eram pagos pelas pessoas que eram tatuadas, e sim pela casa e ganharam muito bem, deram entrada em um carro. Logo, não foi pouca coisa. Mas, havia esta disputa entre os dois grupos. Eu não sei até que ponto eu posso chamar estas mulheres de um grupo, mas têm pontos comuns muito fortes: pertencem a classes média e alta da mesma cidade, o gênero... Cito mais um exemplo sobre esta disputa de transitoriedade e da permanência ligada à identidade forte do grupo: eu estava no estúdio e chegaram umas meninas para olhar o catálogo, para ver as florzinhas, os golfinhos. Quando elas entraram, imediatamente os rapazes freqüentadores, que estavam por ali, foram para perto do tatuador e começaram a debochar de uma forma velada das clientes. O que não era tatuador se fez de tatuador, incorporou o papel do tatuador em uma encenação, falando alto, e o que era tatuador virou cliente, ou "a" cliente, tentando imitar aquela que estava escolhendo a tatuagem e começou: "Faz um peixinho pra mim, faz uma florzinha pra mim, pinta de rosa. Dá pra diminuir?" Ou seja, referindo-se àqueles elementos, de que eles têm preconceito, de que eles não gostam a respeito das clientes, que não merecem ser tatuadas: o tamanho, a cor, o tipo de desenho, que é altamente desvalorizado, por exemplo, desenho tribal, que é supermoderno, nas revistas, na TV, as pessoas todas têm. Os tatuadores odeiam, porque já é muito comercial, todo mundo tem, não é um desenho artístico. Desenho artístico é aquele que requer habilidade artística, a técnica, o domínio ... Não é um desenho copiado. O tatuador artista é aquele que sabe desenhar, não é aquele que copia. A escolha destas mulheres por tatuagens pequenas é para poderem escondê-las, e não só exibi-las na hora de exercerem a sedução, e também por causa do trabalho, ainda mantendo uma imagem de desvio para quem é tatuado. Quando fazem entrevistas para emprego, elas escondem. Se forem contratadas, não mostram a tatuagem, porque não precisa, para não chocar. Ao mesmo tempo também, respondendo a um estereótipo, ou um imaginário de gênero, o que é próprio para homens e para mulheres. E eu perguntava para elas que tipo de tatuagem ficava bem para homem ou para mulher, do que elas gostavam, que tipo de desenho, em que lugar do corpo e elas diziam: "Meu marido não tem tatuagem, não faria uma tatuagem, mas não iria deixar ele fazer uma tatuagem pequena, tem que ter uma âncora aqui". Logo, vários valores de masculinidade, de força, de virilidade. Algumas vezes, esses masculinos e femininos são balizados por outras categorias. Nem sempre é só o masculino e o feminino, além de mulher e homem, há a mulherzinha, referindo-se elas mesmas a

uma possível tatuagem mais infantil, de um desenho animado. "Isso é coisa de mulherzinha", que é um diminutivo de mulher; "coisa de vagabunda, coisa de mulher de presidiário", que é distinção de classe, trazendo a idéia de uma tatuagem vulgar. Aí entra a vulgaridade, no outro. Uma menina, contando que queria fazer uma tatuagem de escorpião, dizia: "Eu adoro, eu acho lindo, eu não sei por que eu não fiz até hoje, mas as minhas amigas não deixam, elas falam: "Que horror! Que coisa de mulher de presidiário! Tu não vais fazer isso, vai ficar horrível, todo mundo vai pensar que tu és uma vagabunda". Voltando ao que eu estava dizendo, da autonomia do indivíduo na sociedade, como um valor e não como uma realidade: "Bom, faço porque eu gosto", mas eu revelo nas coisas que eu gosto quem eu sou, a que mundo eu pertenço, a que classe eu pertenço, a que gênero eu pertenço.

Prof. MS Laurício Neumann – *Eu sei que não foi objeto da pesquisa, porque a gente sabe que o pesquisando tem que fechar o foco, mas eu estou, por curiosidade, puxando um outro link. Bem no início da exposição, você dizia que, no final do século XIX e início do século XX, quando foi inventada a máquina de tatuagem, as primeiras vítimas foram os portuários, as prostitutas, os criminosos, quer dizer que eles não se tatuaram, eles foram tatuados e passaram a ser estigmatizados na sociedade. Se fosse fazer uma pesquisa hoje, as prostitutas e criminosos, enfim, se tatuam por que motivo? E uma outra curiosidade, ainda relacionada a isso, eu fico imaginando, por exemplo, aqui na UNISINOS, o que se passe no imaginário das pessoas que não se tatuam em relação àquelas que se tatuam?*

Débora Leitão – Primeiro, sobre prostitutas e criminosos, hoje existem alguns trabalhos especialmente sobre tatuagens na prisão. É um tipo de tatuagem totalmente diferente deste tipo de tatuagem de mercado, desde o aspecto mais técnico até o aspecto mais simbólico. No aspecto mais técnico, geralmente são feitas com tinta de caneta Bic e agulha com motorzinho de *walkman*, desses radinhos de fone de ouvido, não tem assepsia, que eles valorizam muito na tatuagem de mercado, que é feita em uma sala branca, parecendo um consultório médico. Os tatuadores usam máscaras cirúrgicas, luvas, jalecos com o nome, o que é justamente uma forma altamente domesticada da tatuagem, e limpa, ao contrário deste imaginário de quem nunca foi a um estúdio de tatuagem. Eu não sei se estou falando o que os não-tatuados falam, estou tentando me imaginar como não-tatuada, porque eu sou tatuada. Esta idéia de um estúdio de tatuagem, que eu tinha antes de começar a freqüentar um estúdio e antes de fazer a tatuagem: um lugar sujo, escuro, cheio de desenhos colados nas paredes. Os catálogos são pastas, com

plásticos, tudo limpo, arrumado, altamente profissionalizado. E nesse modo de tatuagem de mercado, os valores que vão guiar estas escolhas e estas decisões de se tatuar ou não, vão ser muito diferentes. Eu não estudei prisões, eu não sei como acontecem nos cárceres estas decisões, estas escolhas, mas estou supondo que, por ser um grupo fechado, passando por uma experiência de vida muito comum, entre aquelas pessoas que vão estar convivendo naquele espaço, a tatuagem funcione mais propriamente como uma linguagem. Os desenhos podem ser facilmente lidos, pelo menos as poucas pesquisas que li sobre isso, por exemplo, é freqüente tatuar números que se relacionam ao crime cometido, e isso vai indicar o tipo de criminoso, se é pequeno ou se é grande; a tatuagem também pode indicar o lugar ocupado na prisão... Então, o crime cometido e a hierarquia interna neste grupo fechado... Eu não li nada recente sobre a tatuagem em prostitutas. Li esta dos médicos criminalistas que é do final do século XVIII, começo do XIX, mas eu li uma dissertação de mestrado de Marcos Benedetti, que fez mestrado em Antropologia, na UFRGS, sobre travestis que se prostituíam e que tinham tatuagens e que as usavam como estratégia de sedução e que, junto com elas, utilizavam suas cicatrizes, não como estratégia de sedução, mas para marcar esta hierarquia: quem tinha brigado com quem, quem que tinha apanhado de policial, quem não tinha. As tatuagens serviam para seduzir, mas também existiam outras marcas que serviam para dizer quem eles eram, para se poder fazer imagem dos não-tatuados e dos tatuados. Eu não entrevistei não-tatuados, assim a única forma que eu tive de saber algumas opiniões foi ouvir o que as pessoas tatuadas me contavam da relação delas com os não-tatuados, fossem da família, amigos... Era relativamente freqüente a manutenção da tatuagem relacionada ao desvio, como eu comentei da mãe de uma das entrevistadas que aceitava bem o tipo de tatuagem da filha, que era limpinha, mas não aceitava a da outra, que a achava suja e outros exemplos como vincular a pessoa que tem tatuagem com determinado estilo de vida, percebido como desviante. A pediatra que eu entrevistei me contou que, no hospital, onde ela fazia residência, quando entrava alguém que tinha tatuagem, a primeira coisa que se fazia era pedir teste anti-HIV, para saber se tinha AIDS. Eu, então, perguntei se ela achava que era pelo risco que se corre ao se fazer tatuagem e ela respondeu que não, que era porque se relacionava a tatuagem à promiscuidade, a quem usava drogas, a quem fazia parte dos grupos de risco. Essa é a imagem que ela faz. Ela disse que nunca falaram dela nem para ela sobre tatuagem, mas que ela via os pacientes serem tratados de determinada forma.

Prof. MS Erno Vallauer – Professor de Fundamentos Antropológicos na UNISINOS. Trabalho justamente na área de funda-

mentos antropológicos, a minha pergunta é: até que ponto a gente pode considerar as tatuagens como expressão do indivíduo, ou até que ponto elas seguem padrões coletivos? Certamente existe um caráter individual, por exemplo, quando o jovem, o filho, manda fazer uma tatuagem em protesto contra os pais, ou então a mulher contra o homem, ou certos grupos dentro da sociedade contra uma outra categoria de pessoas, mas os tipos de tatuagem usados já seguem modelos anteriormente preparados, os tatuadores já têm catálogos, então já existem padrões estabelecidos de certa forma e, além disso, não é tanto a individualidade de quem pede a tatuagem, do que a recebe, que se expressa, muitas vezes, mas a individualidade do tatuador que faz disso uma espécie de expressão artística, que ele quer criar algo no corpo do tatuado. Até que ponto pode haver aí uma pendência mais para um ou para o outro aspecto?

Débora Leitão – Como eu estava falando, a tatuagem expressa esta tensão entre indivíduo e sociedade que nos é tão cara, às ciências sociais, em geral. Quanto aos desenhos e aos tatuadores, a maioria dos desenhos, já prontos, são comprados de livros impressos nos Estados Unidos, na Europa... São desenhos tirados da Internet, paga-se por isso, fazendo-se transação via cartão de crédito, “baixam-se” os desenhos, que são impressos. Então são modelos que não são expressão da individualidade do tatuador, mas de um mercado de tatuagem, de um comércio como de várias outras impressões, de revistas, por exemplo. Agora os desenhos que se chamam *free hand* são feitos diretamente na pele ou os desenhos que são feitos por tatuadores desenhistas especialmente para um cliente, geralmente são desenhos únicos que têm outro caráter e expressam esta idéia de individualidade do artista e da obra única. É interessante, porque são muito mais caros do que desenhos copiados e acho que existe uma correspondência muito forte, mesmo por parte dessas pessoas que consomem tatuagem, vivem de tatuagem, que procuram fazer analogias com o mundo da arte todo o tempo. Por exemplo, o *free hand*, que é feito a mão livre, é tão valorizado como uma pintura que é única, o desenho que pode ser copiado é como se fosse uma gravura, que pode ser reproduzida várias vezes, embora com número limitado. São gravuras que têm limites de cópia. Então o valor do tatuador que produz uma obra única é muito forte e, quando eu ia para as convenções de tatuagem, via isso, porque me puxavam pela mão para ver, referindo-se ao tatuador como se ele fosse um Picasso. Bom saber que é um fulaninho de tal, que faz parte de um grupo, porque até aprendeu a ler, como na arte, estas características: sabe falar sobre sombreado, sobre contorno, sobre cores utilizadas, coisas de que eu não compartilhava. É que eu, em campo, ficava meio assim. “Isso é um fulano” e eu dizia: “Bonito” e me retrucavam:”

Não, não é bonito, olha o sombreado, olha tal coisa. Como é que tu não vês?”. Então mais uma vez, falando do grupo, desse grupo de tatuados, esse era um saber que eles valorizavam e que fazia com que eles conseguissem se afirmar como grupo, em contraposição aos outros clientes que não compartilhavam desses saberes.

Virnei Silva – Jornalista – *Tu falaste que há os tatuadores profissionais, os que se tatuam entre si, e há a tatuagem comercial, que é ótima para eles. Eles estão por aí, curtindo por muito tempo. Tu falaste também da tatuagem de identificação dos judeus, a tatuagem nos presídios, onde os gays são tatuados nos pés para identificar de cara aqueles que têm AIDS. Ninguém come ninguém sem olhar o pé do cara, e isso é o que acontece nos presídios. E no fim tu falaste da tatuagem que une o espírito, que traz o espírito para a pele: a tatuagem mística de obrigação, ou coisa assim. Tu pesquisaste bastante isso. O quanto tu sabes sobre isso, pois este é um assunto que também me interessa bastante: a tatuagem mística, de obrigação, que é mostrar o espírito na pele e é uma aplicação de religião, de filosofia, de crença?*

Débora Leitão – Essa idéia de tatuagem mística mais presente em rituais, não é alguma coisa que eu tenha realizado nesta pesquisa específica, até eu achava antes de ir a campo que iria aparecer esta idéia de que tatuagem é como ritual de passagem dessas pessoas que iriam fazer tatuagem, mas era alguma coisa que acabava não sendo realmente relevante, tudo tem reflexo do momento da minha vida, isso sim, mas não percebia estas características mais rituais, mais fortes, com relação à dor. Às vezes, isso aparecia, porque, quando se fala nestas tatuagens ritualísticas, geralmente elas estão ligadas à dor, é uma transcendência que se alcançaria pela dor e eu sempre volto a esta posição. Entre os meus dois grupos de entrevistados, a dor era altamente valorizada no grupo de tatuadores, freqüentadores do estúdio, porque também fazia com que a pessoa merecesse pertencer ao grupo e ter tatuagem. Entre as mulheres, se falava muito, sobre a dor, isso é verdade. Sempre que eu perguntava alguma coisa sobre dor, as descrições eram muito detalhadas: sangue, que pingava, dor, remédio que elas tinham tomado para anestésiar, o barulho que ficava fazendo... Era muito comum tomar remédio para não sentir dor para fazer a tatuagem, e isso não era considerado menor ou desvalorização da pessoa, era considerado muito natural. É comum as pessoas não-tatuadas perguntarem para as tatuadas se dói. Essa pergunta eu já ouvi bastante. Fazendo parênteses, quando eu estava na Graduação, ainda, nas Ciências Sociais, eu me perguntava até que ponto eu iria poder realmente estudar a tatuagem, até que ponto, antes de eu entrar no campo, a tatuagem iria poder me falar sobre a socieda-

de, não só sobre pessoas; será que existe um grupo de tatuados, será que eu posso falar que eles têm alguma coisa em comum, porque eles são tão diferentes, tem os surfistas, tem os esquiteístas, tem os artistas, tem os consumistas, há vários tipos de tatuados. Então eu notei que todas as pessoas que têm tatuagem, quando se encontram, uma mostra para a outra o seu desenho, que há coisas comuns que acabam sendo acionadas no encontro, mesmo que não pertençam a grupos específicos e fechados em comum. Voltando à questão do ritual e da dor, a dor é muito valorizada por este grupo e acho até que poderia funcionar para eles como um rito de pertença ao grupo. Sou um deles, passei por isso, como uma iniciação. Também era comum ouvir pessoas pedindo pomadas de xilocaína, que, passando na pele, anestesiavam superficialmente, que ajudam. Mas eu nunca vi eles usarem, não sei se eles não usam, porque não funciona ou porque acham ridículo, porque eles realmente acham. Quando as pessoas perguntam se não tem nada para passar para anestésiar, é como perguntar se dá para tirar: olham imediatamente com uma cara de fúria, dizendo: “Como assim? O bom é a dor. Tu tens que passar pela dor”. Em relação às tatuagens ligadas a questões religiosas e místicas, não existe nenhum dado empírico, só as leituras sobre sociedades tradicionais e alcançar a transcendência através da dor.

Vanessa – aluna e bolsista na UNISINOS – *Fiquei intrigada, e até surpresa, assustada... Tu falas numa questão de gênero que para as mulheres é uma coisa e para os homens é outra... Para mim é muito curioso, porque o processo da minha tatuagem teve esta questão de ritual, e eu jamais faria uma tatuagem que não tivesse um significado pessoal muito forte para mim. A minha intenção foi me marcar para sempre, até ficar velha. A dor foi muito importante para mim. Senti muita dor, mas foi algo de que eu gostei. Se fosse sem dor, não iria ter tanta graça, até a maneira como fui tratada no estúdio foi diferente da forma como são tratadas as meninas que vão lá para fazer estrela. Antes de fazer a tatuagem, eu consultei um dermatologista, e ele perguntou se eu estava bem certa e me disse que boa parte do rendimento dele no consultório era proveniente de processos de tirar lua, estrela, borboleta e que depois eu poderia me arrepender. No estúdio onde eu fiz, havia um tatuador que era o top, supercaro, e ele não fazia este tipo de tatuagem. As pessoas ligavam e eles diziam: “Já tô te avisando que ele não faz estrelinha, Hello Kitty e estas coisinhas assim. Tu acompanhaste alguma clínica de tratamento a laser para retiradas de tatuagem?”*

Débora Leitão – Eu adorei saber que tem tatuador que é tão “estrela” que se recusa a fazer esse tipo de tatuagem. Eu não acompanhei nenhuma clínica de retirada, mas, quando eu fazia pes-

quisa no estúdio, conheci um rapaz, e ouvi várias histórias fora a dele, de parentes, de algum amigo, todo mundo tem algum amigo que teve que tirar a tatuagem, e é sempre “teve que tirar”, não é “quis tirar”, é “teve que tirar”, que teve que tirar, porque foi trabalhar em um banco. Ele era negro e tinha um dragão com um traço superfino preto grande no pescoço e não aparecia muito. Eu o conheci com o dragão e sem o dragão. Ele tirou pelo método antigo: cortou e costurou. Ficou uma cicatriz imensa, branca, horrível. Eu não entendia e perguntei-lhe por que ele havia tirado a tatuagem, que era bonita e nem era tão visível, nem chamava tanta atenção e tinha ficado com aquela marca que todo mundo via. Ele respondeu que foi justamente por ser visível. Ele teria que lidar com o público, sem nunca saber que tipo de pessoa iria receber, por isso tinha que estar o menos marcado possível. A diferença entre ser marcado por uma cicatriz e uma tatuagem é que a tatuagem era voluntária, ele tinha decidido se tatuar, e de uma cicatriz ele não tinha culpa, por isso não existia nenhum preconceito com pessoas que tinham cicatrizes. De novo esta idéia de escolha individual, quer dizer a tatuagem era uma escolha dele, era porque ele queria, então não podia. E havia histórias de amigos que tinham tirado. Esta parece coisa de sonho, parece irreal, um amigo meu foi trabalhar em um iate que fazia cruzeiros. Eu não imaginava nenhuma pessoa desse tipo que eu conhecia, que freqüentava estúdio, trabalhar em cruzeiros, que fazia viagens de Miami à Grécia e precisou tirar sua tatuagem, porque não combinava com o meio onde ele ia trabalhar. Os tatuadores, porém, consideram um horror ter que tirar. Eu não sei se, no estúdio onde tu foste, eles tinham propaganda de quem tira. Eu vi na Convenção de Tatuagens como os estandes são alugados e acho que aí é um mercado interno de tatuagem mesmo, precisa ganhar dinheiro para continuar havendo convenção, vendendo os produtos, tinha um estande de pessoas que tiravam tatuagem.

Vanessa – *Mas deixa eu te perguntar uma coisa: tu tinhas amigos que eram tatuados por eles, alguma coisa assim? Tu chegaste lá como?*

Débora Leitão – Fui indicada por amigos. Eu visitei vários estúdios, eu incomodei tatuador com perguntas sobre cicatrizações, sobre várias coisas. Foi bem pensado, arquitetado. O que eu senti, analisando os meus dados de campo foi que a maioria das pessoas, tanto desse grupo de freqüentadores quanto das mulheres, faziam suas tatuagens depois de ponderar muito sobre o assunto, de fazer pesquisas sobre o tipo de desenho que iam fazer, na biblioteca, na Internet... Mesmo a florzinha copiada do catálogo era pensada durante semanas, faço ou não faço, e se eu ficar velha, e se eu engravidar... Eu quero fazer na barriga,

mas se eu engravidar... Eu estou falando isso, porque há pouco tempo, quando eu estava escrevendo a dissertação, li o artigo de uma autora do Rio que fez um trabalho sobre tatuagem no qual ela dizia que a tatuagem não revela nada da sociedade, que é apenas a sua pele superficial e efêmera. E eu pensava: “Meu Deus! mas as minhas pessoas não são assim. Será que eu é que estou vendo esta grande ponderação e esta vontade das pessoas de falarem sobre as suas tatuagens, eu via as pessoas querendo dar significado às suas tatuagens, mesmo que fosse ali na entrevista, mas procurando dar algum significado à tatuagem.

O tema deste caderno foi apresentado no
IHU Idéias, dia 04/03/04.

TEMAS DOS ÚLTIMOS CADERNOS IHU IDÉIAS

- N. 01 – *A teoria da justiça de John Rawls* – Dr. José Nedel.
- N. 02 – *O feminismo ou os feminismos: Uma leitura das produções teóricas* – Dra. Edla Eggert.
O Serviço Social junto ao Fórum de Mulheres em São Leopoldo – MS Clair Ribeiro Ziebell e Acadêmicas Anemarie Kirsch Deutrich e Magali Beatriz Strauss.
- N. 03 – *O programa Linha Direta: a sociedade segundo a TV Globo* – Jornalista Sonia Montaño.
- N. 04 – *Ernani M. Fiori – Uma Filosofia da Educação Popular* – Prof. Dr. Luiz Gilberto Kronbauer.
- N. 05 – *O ruído de guerra e o silêncio de Deus* – Dr. Manfred Zeuch.
- N. 06 – *BRASIL: Entre a Identidade Vazia e a Construção do Novo* – Prof. Dr. Renato Janine Ribeiro.
- N. 07 – *Mundos televisivos e sentidos identiários na TV* – Profa. Dra. Suzana Kilpp.
- N. 08 – *Simões Lopes Neto e a Invenção do Gaúcho* – Profa. Dra. Márcia Lopes Duarte.
- N. 09 – *Oligopólios midiáticos: a televisão contemporânea e as barreiras à entrada* – Prof. Dr. Valério Cruz Brittos.
- N. 10 – *Futebol, mídia e sociedade no Brasil: reflexões a partir de um jogo* – Prof. Dr. Édison Luis Gastaldo.
- N. 11 – *Os 100 anos de Theodor Adorno e a Filosofia depois de Auschwitz* – Profa. Dra. Márcia Tiburi.
- N. 12 – *A domesticação do exótico* – Profa. Dra. Paula Caleffi.
- N. 13 – *Pomeranas parceiras no caminho da roça: um jeito de fazer Igreja, Teologia e Educação Popular* – Profa. Dra. Edla Eggert.

N. 14 – *Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros: a prática política no RS* – Prof. Dr. Gunter Axt

N. 15 – *Medicina Social – Um Instrumento para Denúncia* – Profa. Dra. Stela Nazareth Meneghel